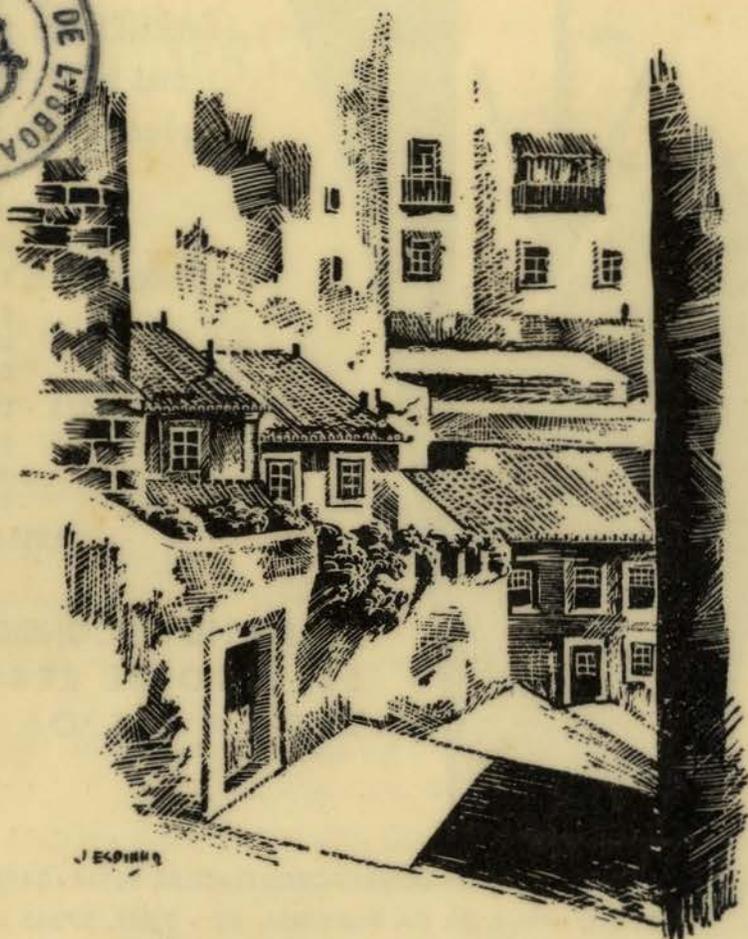


OLISIPO

BOLETIM
TRIMESTRAL
DO GRUPO

“AMIGOS DE LISBOA”



ANO XXIII — N.º 91 — JULHO-1960



S.G.

SOCIEDADE GERAL

**DE
COMÉRCIO,
INDÚSTRIA
E
TRANSPORTES**

CARREIRAS REGULARES

**DIAS 10, 15 e 25 DE CADA MÊS
METRÓPOLE • CABO VERDE
E GUINÉ**

MENSAIS

**METRÓPOLE • S. TOMÉ E PRÍNCIPE
E A N G O L A**

DE 21 EM 21 DIAS

**NORTE DA EUROPA • LISBOA, MATADI
E A N G O L A**

SEMANAIS

ANVERS • PORTUGAL

**TRAMPING • CONSIGNAÇÕES
SERVIÇO DE REBOQUES
D E A L T O M A R**

**LISBOA • RUA DOS DOURADORES, 11 • TELEF. 26314 • 34513 • TELEG. GERAL
PORTO • RUA SÁ DA BANDEIRA, 82 • TELEF. 27363 • TELEG. SABÕES**

**RAMOS
AFONSO
& MOITA**

L I M I T A D A

*OFICINAS
GRÁFICAS*

Composição manual e mecânica. Impressão rápida.
Encadernação. Livros, Revistas, Magazines, Im-
pressos comerciais e burocráticos. Livraria. Papelaria

LISBOA, 2 — S. Vicente de Fora — R. Voz do Operário, 8 a 16

A

LEGAL & GENERAL

agradece aos

«AMIGOS DE LISBOA»

*a preferência que lhe têm
dado, para os seus
contratos de seguros*

Capital e Reservas:

350 MILHÕES DE LIBRAS

CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA



**Casa
Batalha**



FUNDADA EM 1635

Pérola do Rossio

L i m i t a d a

Casa especializada em Chá, Café, Bolachas, Bombons e Chocolates

Envio de encomendas

para

Todo o País e Estrangeiro

Rossio, 105 • Lisboa • Telef. 20744

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 294.100.000\$00

Pesquisa e extracção de diamantes

na

PROVÍNCIA DE ANGOLA

em regime de exclusivo

Sede Social: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e
Administrador-Delegado

Com. Ernesto de Vilhena

Vice-Presidente

Com. Álvaro Morna

Presidente dos

Grupos Estrangeiros

Le Baron Pierre Bonvoisin

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

José Maria de Noronha Feyo

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

Dr. Silvio Guimarães



GAIVOTAS, LDA.

FÁBRICA DE VIDROS E CRISTAIS

Fundada em 1811

Telefs. 663177/78

Especializada em todo o género de vidraria para iluminação, frascaria para perfumaria e laboratórios e artigos domésticos

A alta qualidade do seu fabrico corresponde a preferência dada aos seus produtos por uma vasta Clientela da Metrópole, Ultramar e Estrangeiro

Fábrica: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

Escritório: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 20-C 1.º

Casa de venda ao público: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

LISBOA

Na

LIVRARIA PORTUGAL

... encontra V. Ex.ª livros sobre todos os assuntos escritos nas principais línguas europeias

Damos informações bibliográficas e aceitamos encomendas para todos os países

LIVRARIA PORTUGAL

Rua do Carmo

70

Telefones: 30582 - 30583 - 28220

Secção de revenda e armazéns

Rua da Oliveira ao Carmo, 21-23

LISBOA - 2

Casa Maciel, L.ª

FUNDADA EM 1810

Premiada nas exposições do Rio de Janeiro 1922, Barcelona 1929, e Industrial Portuguesa



FABRICANTE DE LANTERNAS

EM TODOS OS ESTILOS

Sortido completo em louças, folha de Flandres, ferro esmaltado, alumínio, Porcelanas, vidros e artigos de ménage

Tel. 224 51

63, Rua da Misericórdia, 65 - LISBOA

IDEAL-EXPRESSO

(Antiga LISBON PRESSING)

Lavandaria
Tinturaria

As mais amplas, modernas e completas instalações de lavandaria a seco

As nossas oficinas, servidas por pessoal técnico de comprovada competência e com a mais perfeita aparelhagem até hoje montada em Portugal, garantem aos nossos clientes, a mais perfeita execução e acabamento de todos os trabalhos

A mais moderna técnica

A mais longa experiência

Se ainda não conhece os nossos serviços... experimente... e ficará cliente...

22, Largo Trindade Coelho, 23

(S. Roque)

Telef. 24802

PAPELARIA CAMÕES

DE
AUGUSTO. RODRIGUES & BRITO, LDA.

Pincéis, telas, tintas de óleo, aguarelas e guaches
das melhores marcas nacionais e estrangeiras

LISBOA, 2 — 42, Praça de Luís de Camões, 43 — TEL. 2 30 63

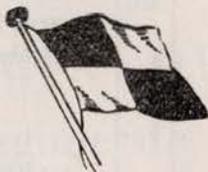
Companhia Nacional de Navegação

Sede: Rua do Comércio, 85 — LISBOA — Telefones 2 30 21 e 2 30 26
Sucursal: R. Infante D. Henrique, 63 — PORTO — Telefones 2 24 38 e 2 24 39

Serviço rápido de carga e passageiros para a África
Occidental e África Oriental, Oriente e Norte da Europa

UMA FROTA AO SERVIÇO DA NAÇÃO E DO IMPÉRIO

Navios de passageiros	Tons. D. W.	Tons. desloc.	Navios de carga	Tons. desloc.	Tons. D. W.
Moçambique	9.423	18.220	Sofala	12.145	18.520
Angola ...	9.550	18.250	Moçâmedes ..	9.120	12.990
Niassa ...	9.706	16.330	Rovuma	9.120	12.990
Quanza ...	6.230	11.550	S. Tomé ..	9.050	12.550
Índia	6.655	11.677	Nacala	3.370	5.130
Timor ...	6.655	11.677	Tagus	1.532	2.581
Zambézia ...	1.857	3.538	Chinde	1.543	2.592
Lúrio	1.857	3.538	Angoche ..	1.630	2.320
Save	1.330	2.680			



Em construção:

Príncipe Perfeito — 20.000

VISTA ALEGRE

PORCELANAS

**Continua lembrando o nome de
PORTUGAL no Mundo**

LARGO DO CHIADO, 18 — RUA IVENS, 19 — LISBOA

Oferta
27. JUL. 1988

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XXIII

JULHO DE 1960

NÚMERO 91

Director: MATOS SEQUEIRA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 2 57 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16
Direcção gráfica de Luís Moita



SUMÁRIO

	Pág.
RELAÇÕES MARÍTIMAS ENTRE PORTUGUESES E HOLANDESES NA IDADE MÉDIA pelo <i>Prof. Dr. Houwens Post</i>	103
TÁGIO RECONHECIDO NA EDIFICAÇÃO DE LISBOA por <i>Matos Sequeira</i>	115
O TEATRO ROMANO DE S. MAMEDE AO CALDAS por <i>Matos Sequeira</i>	118
ACTIVIDADE CULTURAL	121
OS «AMIGOS DE LISBOA» NAS COMEMORAÇÕES ANTONIANAS	
a) Comentário, pelo <i>Dr. Eduardo Neves</i>	125
b) Quadras a Santo António, por <i>Matos Sequeira</i>	127
c) Dois Sonetos, por † <i>Cardoso Martha</i>	128
FEIRA DA LADRA	129
CAPA: Escadinhas de S. Crispim - Desenho de <i>J. Espinho</i>	

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores

As Relações Marítimas entre Portugueses e Holandeses na Idade-Média

pelo PROF. DR. H. HOUWENS POST
da Universidade de Utreque

No princípio da era cristã, o nosso país era uma terra ainda inculta, coberta de florestas e lagos e de charcos e muitos rios, o Reno, o Vegt, o Yssel, o Mosa, e os seus muitos afluentes, e finalmente, o Escalda. O Reno, nessa altura, desaguava diferentemente de hoje, no lago Flevo, no interior do país, isto é, no Zuiderzê actual, que se formou em 1220 por uma inundação, uma das múltiplas inundações que, como verdadeiros cataclismos cíclicos, se têm produzido na nossa história nacional e que têm devastado grandes regiões do país. O delta dos rios mencionados até mesmo formou uma mistura de águas em certo sentido, já que a maioria dos terrenos estava abaixo do nível do mar.

Por outro lado, o país era muito mais largo do que hoje em dia, na parte ocidental, pois que a região das dunas de areia, que formavam um dique e um amparo natural, estendeu-se, nessa altura, mais para o Oeste, de maneira que os lugares habitados no princípio da era cristã, agora jazem submersos pelas águas do mar. Só em tempos de grande seca, quando o nível do mar está baixo, aparecem por cima das águas do mar os restos destes castros, castelos ou até aldeias da antiga terra ocidental dos Países-Baixos.

Quais eram os primeiros habitantes destas terras? Acerca deste assunto estamos bastante bem informados, graças às obras de Júlio César («De Bello Gallico») e de Tácito («De Germania»), mas sobretudo pelas obras escritas mais tarde, na época dos Merovíngios e Carolíngios, por frades, monges e outros eclesiásticos que escreveram nos seus conventos e mosteiros sobre a história, as leis e costumes dos povos germânicos, que eram considerados «bárbaros», mas não eram

tão bárbaros como se diz, porque quando os Romanos entraram nestas regiões, encontraram os Batavos, os Frísios e diferentes outros povos germânicos, com quem concluíram tratados de paz e de aliança. Os Frísios já tinham mercados muito importantes nas cidades de Utreque, de Dorestade (nome frísio) no Reno, e de Nimega (aldeia céltica, como o nome Noviomagus indica), onde venderam sobretudo os seus muito apreciados panos frísios (entre outros a famosa «baeta») em troca de produtos de luxo especificamente romanos. Mais tarde, depois do desmoronamento do Império Romano, as cidades de Utreque, de Dorestade e de Nimega, sobretudo durante o reinado dos Merovíngios e Carolíngios, eram, como Stavoren na Frísia, grandes empórios comerciais. Mais tarde decaiu a importância destas cidades.

Os Batavos moravam nas margens do Reno, os Frísios ao longo do mar desde o Slesvig-Holstein de hoje, perto da Dinamarca, até à foz do Reno, já eram navegadores. Os Caninefates (= «caçadores de coelho»), no extremo Oeste, nas dunas, eram também navegadores. No Sul moravam os Marezates (= «habitantes do mar»), na actual província da Zelândia, os Menápios e Toxandros no Brabante e no Limburgo. Talvez estes três últimos povos não fossem germânicos, mas antes deviam pertencer a uma mistura de Celtas e da antiga raça mediterrânica.

Mais tarde, quando o Império Romano enfraqueceu e se desmoronou, outros povos germânicos invadiram o nosso território: os Saxões na parte oriental e os Francos no sul.

Assim pode-se dizer que a raça holandesa actual é uma mistura de Frísios, de Saxões e de Francos.

As cidades e aldeias mais importantes devem a sua existência na maioria das vezes aos Romanos, salvo no extremo norte, em que eles não penetraram, mas até à margem esquerda do Reno tudo foi ocupado por Druso, general romano de cerca dos primeiros anos da nossa era.

Leiden (Lugdunum Batavorum), Nimega (Noviomagus), Colónia (Colonia Agripina foi fundada por Agripa), Maastricht (Mosae Trajectum), Utreque (Trajectum), Vechten (Fectio), Veur (Forum Hadriani) indicam pelos nomes a sua origem romana. Talvez estas cidades já existissem antes, mas foram romanizadas inteiramente e obtiveram nomes romanos.

Dos três povos que compuseram a nossa nacionalidade, (isto é, mais tarde, só no século XV) os Frísios eram os navegadores por excelência ⁽¹⁾. É também sabido que os Frisões como os Normandos, fize-

(1) O nosso historiador Huizinga diz deles (p. 268, Verzamelde Werken, «How Holland became a Nation», speech delivered in 1924 in the University of Leyden during the first Netherlands week for American students. Leyden, 1924):

«Frisians had dwelt along the coast since Julius Caesar's days. They are one of the very few original Germanic tribes that neither changed place nor name; they only expanded over a somewhat wider area than they originally inhabited. To this day our province of Friesland retains the old stock and the old speech. The Frisian element has contributed very essentially to give our nation its peculiar stamp.»

ram viagens mais ou menos lendárias à América do Norte. No século XI os Frisões descobriram também a Islândia, a Gronelândia e a América, como nos relata Adão de Brema. Parece que já no ano de 589 da nossa era a marinha frísia se arriscou até à Galiza. («Geschiedkundig onderzoek van de koophandel der Friezen» de Mr. Jacob Dircks. Utreque 1846).

Dos seus antepassados frísios os Holandeses modernos herdaram a sua propensão para o mar e a arte de navegação, mas a navegação não era puramente marítima, os inúmeros lagos interiores do país, os mil e um rios, riachos e fios de água, fizeram do Frisão e mais tarde também do Franco e do Saxão um navegador das múltiplas águas interiores. Assim, o proto-holandês, o Holandês de «avant la lettre» era um homem que para deslocar-se tinha sempre de encarar o problema da água na sua terra tão aquosa, de que no século XVII o Padre António Vieira dizia que era «um inferno frio de paúis». Se o português herdou dos seus antepassados fenícios, gregos, célticos e mouros, a sua aspiração pelo mar, ele encarou o problema da navegação de modo absolutamente diferente. Ele fez desde o princípio uma navegação marítima de cabotagem. A situação geográfica do país: grandes rios navegáveis como o Tejo, o Lima e o Douro que todos os três correm de leste para oeste, estavam predestinados pela natureza para criar portos importantes das suas cidades à beira-mar. O carácter comercial e corajoso dos habitantes fez o resto. Nós fomos uma nação de navegadores do mar e do interior, os Portugueses, uma nação de navegadores marítimos de cabotagem, mas não das águas interiores. Mas há também, como se vê, muitas semelhanças entre as nossas situações geográficas. Os navegadores são internacionais e entendem-se perfeitamente. Isso explica talvez um fundo comum aos nossos povos desde os tempos mais remotos, ambos criados pela natureza para se compreenderem e travarem relações de amizade, um com o outro. Mas naquela altura os nossos frísios, francos e saxões navegavam quase unicamente no norte da Europa até às costas da Grã-Bretanha, a Gália e os países escandinavos. Os vossos antepassados fizeram viagens ao Sul e talvez até a França, à Espanha, ao país de Cartago e à Itália. No princípio da nossa era ainda não nos podíamos encontrar nos mares. Mas não é tão certo que os nossos navegadores frísios não conhecessem as paragens lusitanas, visto que se sabe que os Romanos, tão incomodados pelos piratas frísios, já os aprisionavam nos primeiros séculos da nossa era e é sabido que o Imperador romano Probo, cerca de 280 depois de Cristo, tinha levado uma colónia de Frisões e Francos para as praias do Ponto Euxino (Mar Negro) e que estes nossos antepassados, gente muito astuciosa, como mais tarde os Normandos, conseguiram construir muitos navios, e durante uma viagem de três anos fizeram uma circum-navegação de toda a Europa, passando do Mar Negro pelo Bósforo, o Helesponto, o Mediterrâneo e o Estreito de Gibraltar, para atingir as suas próprias costas do Mar do Norte, uma verdadeira

viagem de Argonautas em direcção inversa. Tais eram os nossos antepassados.

Entretanto nas praias do Mediterrâneo, da Espanha e da Gália, eles cometeram muitos actos de pirataria. É claro que eram uma espécie de «piratas» nórdicos, no género dos Normandos dos séculos IX, X e XI que infestaram também todas as costas da Europa ocidental e que criaram vários reinos, um na Normandia com a capital em Ruão, outro na Itália meridional com a capital em Nápoles e, mais tarde, os Normandos romanizados conquistaram a própria Inglaterra. Do mesmo modo, podem-se considerar estes Frisões uma espécie de navegadores, ora comerciantes comuns que faziam o tráfego corrente, ora «piratas» que apresavam os navios e as tripulações de estrangeiros hostis. É sabido que já no ano de 1097 navios frísios da cidade de Tiel na Holanda e de Antuérpia tinham conquistado Tarso na Ásia na primeira Cruzada, passando pelo estreito de Gibraltar. Já em 1091 entraram Frisões como piratas no Mediterrâneo, circum-navegando a fortaleza de Gibraltar. É provável que os barcos ainda fossem bastante pequenos, os famosos «Kogschepen» («naus» ou «buzas») de que temos várias gravuras que os representam. E também nos séculos seguintes até à idade das caravelas e dos galeões, que já eram barcos relativamente grandes; servimo-nos ainda destes barcos redondos, para a navegação no mar do Norte e nas costas da Gália, da Inglaterra e das cidades hanseáticas.

Assim, pode-se dizer que os primeiros Cruzados navegavam também nesse tipo de barcos, quando no ano 1147 os nossos cruzados frísios e flamengos percorreram o mar do Norte, o Canal Inglês, o Atlântico até Vigo, e o Porto de Lisboa quando pela primeira vez numa grande expedição marítima, destinada a seguir até à Terra Santa aportaram a terras portuguesas. É o primeiro contacto com os navegadores portugueses.

João Huyghen van Linschoten, o primeiro Neerlandês que nos descreveu essa expedição em neerlandês e que escreveu em Goa (foi o secretário do arcebispo de Goa, Fonseca, de 1581 até 1587): «num quartinho com janelas abertas no andar mais alto duma casa» de Goa, como escreveu, começou com essas palavras o seu famoso «Itinerário para as Índias orientais ou portuguesas», que data de 1595 e foi publicado em 1596. Ele é, por conseguinte, o primeiro Neerlandês que nos forneceu um relatório dessa expedição marítima do ano 1147, em que Frisões, Francos, Flamengos, Colonenses, Noruegueses, Ingleses e Normandos participaram juntos na conquista de Lisboa, ajudando o Primeiro Rei Afonso Henriques na empresa de fazer desta cidade a capital do seu reino. Dizia ele também que, pela ajuda que os Frísios, Francos e Flamengos prestaram ao rei de Portugal, a nação neerlandesa (sic) obtivera os «privilégios, liberdades e proveitos» para eles e seus descendentes, e todos esses privilégios ainda eram válidos na época (1580) em que ele estava em Portugal. João Huyghen van

Linschoten diz também no seu livro que toda a jurisdição incumbia aos próprios juizes nacionais, isto é, francos, frisios e flamengos confirmados pelo Rei de Portugal. No dia 24 de Outubro (cito o relatório de João Huyghen van Linschoten) «os cruzados aliados entraram em Lisboa, precedidos solenemente por um bispo e muitos clérigos. Os habitantes deixaram a cidade e durante cinco dias esta foi saqueada; depois disso foi entregue a El-Rei D. Afonso Henriques. Até o dia 1 de Fevereiro de 1148, os barcos dos Cruzados ficaram na barra do Tejo e provavelmente, mais tarde participaram na conquista de Damasco, na Síria».

Assim, os meus patrícios de há oito séculos colaboraram na formação da nação portuguesa, porque, segundo Oliveira Martins, desta maneira foi redigido o acto de nascimento desta nação. A existência dela foi reforçada pela acção dos Cruzados. Se logo desde o seu nascimento, Lisboa cristã foi cidade cosmopolita e internacional, gostaríamos de dizer hoje em dia: Lisboa cristã é uma cidade que pertencia desde a primeira época a um pacto do Atlântico Norte do século XII!

Temos também um documento frísio, muito lendário, sobre a conquista de Lisboa, publicado no século passado em Utreque em 1846.

Não me levem a mal que o cronista frísio considerasse a cidade de Lisboa em 1147 uma cidade frísia assediada pelos Sarracenos e libertada por Frisões. Não é culpa minha, se o cronista entendeu tão mal os factos mais ou menos apócrifos. Escutem pois, por favor, o que foi publicado em «Werken uitgegeven door het Friesch Genootschap van Geschiedenis, Oudheid en Taalkunde» (1853, Workum, Frísia), *Gesta Frisiorum*, p. 128 que reza assim:

«Ocorreu que uma das cidades frisias, Ulensborch (Ulixburg = Lisboa) foi assediada pelos Sarracenos, isto é pelos pagãos, e os Frisios que estavam nessa cidade, perderam a coragem e foi tomada a cidade pelos pagãos no tempo da paz e ela queria apartar-se da Cristandade. Numa assembleia reuniram os Frisios 200 homens contra os pagãos para fazer levantar o cerco. Estes 200 rechaçaram todos os pagãos da cidade e mataram 2 000 pessoas. Os pagãos gritaram horrivelmente, porque São Maurício ajudava a luta dos Frisões; assim esta gente inspirou-lhes muito medo e fugiram da batalha. Que milagre tão grande fez Deus entre os nossos Frisões rechaçando por meio de duzentas pessoas três milhares de gente. No exército dos Frisões, havia um capitão, chamado *Poptatus*. Este homem era um velho muito santo e era um natural de Wutte. Esse *Poptatus* gritou em alta voz, quando os Frisios partiram para a batalha: — Meus caros irmãos, toda a nossa esperança e consolação queremos pôr em Deus e travai a batalha de Deus com alegria e protegei o nosso país; quer nós ganhemos, quer nós todos sejamos derrotados, já que esta terra eterna nos é dada, sem dúvida alguma, como prenda —. Quando o dissera, abriu-se o céu e São Maurício com uma grande tropa de cavaleiros precedeu todo o exército dos Frisões, e rechaçou todos esses pagãos. Quando a vitória foi alcançada e o cerco da cidade levantado, desarmou-se o tal *Poptatus*, e foi morto por um pagão que se tinha escondido no outro lado da serra. Assim morreu em nome de Deus Omnipotente, e tornou-se mártir de Deus, pois que lutou pela fé cristã e no seu túmulo cresceu uma palmeira muito formosa. Era um sinal da vitória. Esta palmeira estranhou muito aos Ulixbonenses, isto é, os habitantes desta cidade, pois era um sinal da grande paz e descanso. Já antes os Ulixbonenses tinham combatido e sido assediados e quase foi perturbada e

als fara wad luyppd ad dier ney coem dy hylghe man
vabbadg bisrop toe vradet en dier ney coem dy bisrop
baldebus dier guet neet hiet was om son gratz dooghe
dit myma alle gaeder frnda mdr bisrops boets te vradet

n cenre tot dae gheschiedet dat een fan dae fire
sona stes gheleert vrombord fan dae sar-areder
dat is fan dae heyda' blynd als dat dae fire son

dier dier in wien dat maed biswect en lya nome fan
dae heyden een tyd des frede en wolden fonden vrombord
ganc onder dae frede faerwaderden dae fire son in man
en taghen ionf dae heydana om die stes toe onthalden dis
se hua vander- habba alla dae heydana vrombord funder
stos en stoghen wal vrom wesen daed dae heyden hiet
een grymelita luid fan wepene solota mder luyt huet
sint mauxitg hup dae fire son huc stede Aldg woede lya
fan disse lade faer-ferd en sint stochich wieden wt dae
stede d huc graet wonder hat grad up wt fire son dier dat
son huet scholde en solota faerwader funder fire son huc
was een wiste dier huet was papatus disse wad on ald
man en huc maed gader-achtich en was baren ut walt disse
papatus riep mit lader stema dae lya ghyghen mdr stid
o myn lauwa hiet alle wt huc en tracht wala wy sette
aen gaede en stidat godes stid mit stochich en beser met
wse land wyna wyt icta vlesu wyt icta wada wy faer-
stid al tida faer-aya wy lada en wymgha huet dat ewi
stid lyaand wiet wt son wraet waden dae up det spraken
hiet dae wad do lymel op dier en sint mauxitg mit
ene graet faer- riddere ghygha m dae luyt faer dae fire
son huc en habbet al dae heydana vrombord Aldg dit stid
wone was en dy stes ontfet was dae onwepende hem
do crbera man papatus en scholde wt een ald boen dier
huc by ene boerly dae wad up scholde fan ene heyde da-
huc faer-lyden aen den bergly Aldus is up stid m god
almarktich en is een mdr gadiis wieden huet up om den
huc luyt luyt stid wad op son gref wad een toe maed
sijnen palme dier een teken was dae vromghe stid
disse palme bacm worden dae vromghe dat is dat stes
solota huc seer faerwader dae was huc een rober
der gater frede en vrom huet vrom huc wode dae vrom
boerly ofte onforten blynd en huc lya stes al huc
faerwader en faerwader daer dier ney huet lya luyt huc
conghc vrom en ferd dat lya gaede mochte huc
faer wad vrom dier faerwader maed stes

Alf dat dy bisrop vander stes fact dat disse legroune man soe
faer vrom dade huc solota dader fethes wader op son
gref ghyghen en lya worden wad toe luyt dae vromghe worde
fond disse bisrop hilden seer een huc mdr gadiis en dat lya
wonder vrom toe vromghe en lya faerwader fan den palme dier
vromghe scholde vrom vromghe son gref op grouwa en
vromghe wad dae vromghe wad Aldg wader dier men font
dat en palme bacm waden was wt son huc dat sond' huc een
faerwader en vromghe dier luyt huc dier lya m son
huc huc alf up ghyghen toe stes dier huc luyt man papatus
huc pa eret en firdt alf een oer mdr gadiis disse palme
funder lya fara m luyt huc m een teken dae faerwader
en gater lauwa huc lya mden palme bacm alf dae huc
fan huc huc m mdr wade en huc huc toe maed vromghe
aldg wad dy palme graet era dier

Van lamberts beitz en legende

ader tijt faerwader m vromghe een huc luyt man dier huc
was lamberts dier baren was fan topstid disse wad
aerda era wad toe erien lya wad wt dae wad en ghyghen m
dae vrom fan sint huc dier sint huc dae vromghe huc
om een tyd waden dae vromghe seer faerwader fan dae vromghe
hilden m luyt Aldg dit gaede man lamberts huc luyt
ly mit al son broen toe luyt wad dae luyt huc
huc wad fan stes erde om huc toe huc raem lya ald
en lya huc maed ald huc mdr huc stes ghyghen
alfoe dat hem huc huc seer faerwader Aldg huc lya stid
maed om erien wada huc lya een ald vrom man is wad
den fan huc huc wad was lya seer faerwader alfoe dat
luyt naet luyt stes maed lya blea m prusen faer
een ald vromghe gadiis riddere huc pa alle era riddere
wad lya eret en een vrom wad hem waden dier men
oer huc toe vromghe dat was dae vromghe dier schone stes
op toe waden en toe huc stes alf huc goed tocht dat schone
op ene tyd dat alla dae vromghe huc m prusen dier op
dat stes wad seer wt dae stes en erien toe mdr huc
wad huc een edel man m prusen huc huc dier wad
een funder edelste wt prusen huc fan lya vromghe dae huc
de lya sin vrom alf huc wad op disse tijt huc disse huc
wad wt vromghe huc vromghe mit gater seer fan op
alfoe waden faerwader wiede man dier dade lya op faerwader
der vromghe huc wad lya vromghe self dae huc toe vromghe
en dat vromghe dier dae vromghe huc huc en wad
ghuc wad Aldg disse waden come faer dae vromghe faer vrom
pen dae vromghe stes op dae vromghe wy vromghe te huc
vromghe alf wy wad huc mit alle gater toe dier dy gaede
ma lamberts dade hem dae vromghe op en vromghe lya sin

incendiada a sua cidade, mas depois tiveram muito tempo de descanso e paz, de modo que puderam servir a Deus.

Quando o Bispo dessa cidade viu, que este santo homem fazia tantos sinais, muita gente se aproximava do túmulo e os mortos recomeçavam a viver, os doentes curavam-se, e consideravam a esse homem um santo entre os santos de Deus e quiseram canonizá-lo. O Bispo conseguiu do Papa a canonização deste homem, mas primeiro quiseram escavar o túmulo para ver, como era a raiz da árvore. Então descobriu-se que a palmeira se tinha erigido do coração desse homem, que sem dúvida alguma, era um sinal da vitória e da firmeza da fé (do credo) que tinha no coração, quando foi combater. Esse santo homem Poptatus teve as honras e o entusiasmo dum verdadeiro mártir de Deus. Essa palmeira foi levada à frente do exército em sinal da vitória, uma grande fé tinham na palmeira, como os filhos de Israel tinham na vara de Moisés e consideravam-na muito veneranda; assim a palmeira era um sinal de grande honra.»

Este documento data do século xv. A verdade é que pelas Cruzadas nós travámos relações pela primeira vez com a Península Ibérica.

A lenda do Cavaleiro da Palma é muito conhecida em Lisboa. Há até mesmo uma Rua da Palma nesta capital, que consagra ainda esta história. Mas ali não se atribui este milagre ao Frisão Poptatus, mas sim ao Cavaleiro alemão, Henrique de Bona, cujos ossos jazem num túmulo na Capela de Santo António de Lisboa (2). A letra da lápide reza assim;

«Ossos do Cavaleiro Henrique Alemão
Q. Morreu Aiudante A Tomar Esta
Cidade Aos Mouros: Em Cuia Sa
Nasceu Hua Palma Q. Deu Hum
Cacho da Palma. Se Valião M^{tos}
Enfermos e Saravam. O Cacho Está
No Santuário Deste Most^{ro}»

Também Camões celebrou a lenda no Canto VIII, oitava 18:

«¿Não vês um ajuntamento, de estrangeiro
Trajo, sair da grande armada nova
Que ajuda a combater o Rei Primeiro
Lisboa, de si dando santa prova?
Olha Henrique, famoso cavaleiro,
A palma que lhe nasce junto à cova.
Por eles mostra Deus milagre visto,
Germanos são os Mártires de Cristo.»

(2) O autor deste tão curioso artigo fiou-se na lenda, que durante muito tempo foi aceita, da lisboeta Rua da Palma assim se chamar em alusão ao milagre da palma que nascera na sepultura de um cruzado morto no cerco de Lisboa de 1147 e a quem se ficaria devendo, pela sua fé, grande parte do êxito dos guerreiros cristãos. A nossa lenda nomeava-o de Henrique e dava-lhe como pátria a Alemanha; a lenda a que dá curso o cronista frisio, fá-lo de nacionalidade Frísia e dá-lhe o nome de Poptatus. Trata-se, evidentemente, de uma duplicação da mesma figura, feita pelos séculos fora, caso que não é singular, tanto mais que a lenda se unifica na narrativa dos milagres que se atribuem à palma ou à palmeira que se criara no coração do Cruzado ajudador dos portugueses no assédio a Lisboa e, até, a aparição, no Céu, de São Patrício, a animar os cristãos para a vitória é minúcia de fé religiosa, semelhante à que os nossos cronistas citam no assédio de Alcácer do Sal, um pouco mais tarde, com o aparecimento, entre as núvens dos patriarcas trinos a encorajar os que combatiam os mouros.

A nossa Rua da Palma nada tem com as palmas nascidas na sepultura do Cavaleiro Henrique ou Poptatus. Foi aberta no meado do século xvi, numa horta dos frades de São Vicente, por um fidalgo que se chamava João da Palma, apelido este que coisa alguma tinha com a milagrosa palma a que se refere a lenda.

(Nota de M. S., director do «Olisipo»)

Pela palavra «Germanos», Camões entendia também os Flamengos, os Frisões e os Francos, isto é os nossos antepassados holandeses.

Trinta anos depois da tomada de Lisboa, outra armada de Cruzados equipada pelo Conde Filipe de Flandres, aportou mais uma vez à capital de Portugal, seguindo logo depois para a Terra Santa. Regressando à Flandres, esse Conde casou em 1184 com a filha mais nova de El-Rei D. Afonso Henriques. A noiva e o seu séquito navegaram para Bruges em navios flamengos, mandados pelo Conde. [W. A. Engelbrecht, *Schets der Historische Betrekkingen Portugal-Nederland*, Haia, 1940. p. 3].

Alguns anos depois, comerciantes portugueses estabeleceram-se na Flandres, o que contribuiu muito para o desenvolvimento económico dos Países-Baixos Meridionais. Em 1200 fundou-se a primeira feitoria portuguesa em Bruges. O Cartulário «de l'ancienne Estaple de Bruges», relata em 1200 a exportação de Portugal de cera, mel, couros, vinho, azeite, figos e passas.

Depois disso, muitos cruzados do Norte, entre os quais também Frisões e Flamengos socorreram D. Sancho I nas suas empresas para reconquistar várias cidades do Alentejo e do Algarve, por exemplo Alvor, Silves e Alcácer do Sal.

As relações marítimas entre os nossos antepassados e os Portugueses eram cada vez mais intensas, por um lado entre as cidades hanseáticas, a que pertenciam muitos portos holandeses e por outro Portugal e a Espanha.

Mas até já antes de 1200, se encontra mencionada a chegada dum barco português ao porto de Bruges.

Desde o século XIV El-Rei D. Dinis começou a construir barcos de mais de cem toneladas. Nos fins do mesmo século (em 1377) sob o reinado de D. Fernando, foi criada a primeira companhia mútua de seguros marítimos para a qual tinham de contribuir todos os barcos de mais de 50 toneladas.

Já no século XIV se produzia um tráfego intenso entre os Portugueses e os Zelandeses e os primeiros aportaram aos portos de Zelândia: Vere e Arnemuyden, na ilha de Walcheren.

Privilégios foram outorgados aos comerciantes portugueses em Bruges no ano de 1387 pelo Conde Filipe de Flandres, descendente do supramencionado homónimo. Também os Estados da Holanda e da Zelândia deram direitos semelhantes aos Portugueses. O mesmo direito de portagem, concedido aos Alemães, foi dado pela cidade de Middelburgo aos comerciantes portugueses. Estes teriam, segundo este privilégio em 13 artigos, o direito de nomear um «Chefe» («overste») e a jurisdição em demandas civis.

Este comércio mútuo produziu também os emolumentos necessários para o desenvolvimento e a propaganda das viagens de descoberta e estimulou a propensão inata dos Portugueses para expedições ao Mar Tenebroso.

Em 1429 as relações políticas foram reforçadas pelo matrimónio de Filipe de Borgonha e da Flandres e D. Isabel de Portugal, filha d'El-Rei D. João I. Entretanto, nos fins do século XIV alguns habitantes de Bruges na Flandres, aportaram aos Açores. O nome de «Ilhas Flamengas» data de há muito tempo. Bruges teve depois um comércio regular com os Açores no século XV e participou na colonização portuguesa dessas ilhas. Que também nos Países-Baixos setentrionais eram muito conhecidos os produtos exóticos, consta duma ordenação de Utreque, que data de 1432, em que se proíbe expressamente a falsificação das especiarias orientais e africanas.

Os negociantes de Bruges tinham continuado as relações comerciais com os Açores e, cerca de 1500, tinham já representantes seus na Guiné portuguesa. Estabeleceram-se também nas Ilhas Canárias, colónia espanhola, por que se interessavam por causa do comércio do açúcar de cana.

No princípio do século XVI, vemos os Países-Baixos travarem relações estreitas com o comércio das outras partes do mundo. O seu centro tinha-se deslocado do interior do país para o mar, já que muitos lagos do interior tinham sido esgotados. Desde o ano de 1500, monarcas espanhóis eram senhores dos Países-Baixos.

Em Antuérpia, o comércio português de especiarias e outros produtos da Ásia e do Brasil era mais importante nos primeiros trinta anos do século XVI. A importância da cidade, mercê dos Portugueses e outros comerciantes, estendeu-se cada vez mais pela indústria já florescente da Flandres, através da qual aumentava também a exportação, mas Antuérpia fez-se sobretudo o centro principal do mundo financeiro.

Até o ano de 1530, este porto foi sobretudo frequentado por barcos portugueses e espanhóis. De 1540 em diante, desenvolveu-se muito a quota dos barcos da Zelândia e da Holanda no porto de Antuérpia. Camões cita «a plaga fria da Zelândia» (canto VII, oitava 61). Até os transportes para Portugal se faziam a maioria das vezes por barcos da Zelândia e da Holanda.

O feitor do rei de Portugal desempenhou um papel importantíssimo em Antuérpia. Representou o seu rei no que diz respeito ao comércio dos produtos ultramarinos. Os portugueses gozavam, como as outras nações, de muitos privilégios, dos mesmos de que fruía antes em Bruges, antes do açoreamento deste último porto.

Nos meados do século XVI, Midelburgo tornou-se o empório mais importante, depois de Antuérpia, para os produtos portugueses.

Em 1543-1552 as estatísticas, publicadas em Arnemuyden e Midelburgo, mencionam também, entre os produtos transportados para Portugal, um moinho de vento holandês inteiro.

Também Bergen op Zoom, no Brabante setentrional, e Kampen entretinham relações com Portugal. Em 1572 uma casa comercial de Kampen foi estabelecida em Lisboa.

Já em 1511 se vendiam especiarias da Guiné em Leerdam e Gorkum, e em 1518 o açúcar das Canárias era vendido em Arnemuyden. Esta cidadezinha era também muito conhecida por ter sido empório do sal de Setúbal.

Ao lado do comércio de Antuérpia, desenvolveu-se também o comércio marítimo das cidades dos Países-Baixos setentrionais. Primeiramente europeu, o comércio estendeu-se nos fins do século XVI ao mundo inteiro. A sua maior eflorescência coincidiu com o período do reinado de Carlos V, (de 1519-1555). A partir de 1560 Amesterdão era o primeiro porto de importação do açúcar de cana, e quando em 1585 Antuérpia caiu definitivamente entre as mãos de D. Filipe II da Espanha, foi Amesterdão que aproveitou muito da ocupação espanhola da Flandres. Muitos comerciantes judeus estabeleceram-se ali. A nossa navegação directa com o Brasil, com a cooperação dos Portugueses, começou sobretudo em 1570. Depois da ocupação espanhola de Portugal, este comércio continuou, primeiro com a ajuda de comerciantes alemães, depois independentemente deles. Em 1582 estabeleceu-se o primeiro comerciante holandês no Brasil. Em 1594 apareceu o primeiro barco holandês no Brasil. Os produtos favoritos do Brasil na Holanda, eram o pau-brasil e o açúcar de cana.

Não é preciso relatar mais uma vez a história da venda do sal de Aveiro e de Setúbal no Norte da Europa por intermédio dos barcos hanseáticos primeiro, depois dos navios holandeses. A Doutora Virgínia Rau já o estudou mui brilhantemente no seu livro *A Exploração e o Comércio do Sal de Setúbal*, Lisboa, 1951. Esta doutíssima senhora já explicou como «o comércio do sal estava indissolúvelmente ligado ao do arenque», produto bem holandês, que, ainda hoje, é um dos nossos produtos mais lucrativos com o queijo de bola e as batatas.

Mas o arenque, salgado com o sal de Portugal e exportado para Portugal, era um matrimónio económico de dois dos nossos produtos comuns mais importantes.

«A economia portuguesa..... precisava das matérias primas e mercadorias do Norte, ou seja de trigo, madeiras, metais, aprestos navais, cânhamo e esparto, linho e estopa, bem como dos produtos manufacturados pela indústria setentrional como panos e tecidos, munições e enxárcia, alcatrão, cordoalha, etc. Em troca disso os Portugueses exportaram pela sua marinha ou mandaram exportar pelos carregadores holandeses e flamengos os seus vinhos, cortiça, azeite, gengibre, especiarias e açúcar das suas colónias». Os holandeses já eram os carregadores dos produtos alheios, como o são hoje em dia.

O cardeal Richelieu disse um dia que os holandeses «ne sont qu'une poignée de gars réduits à un coin de la terre où il n'y a que des eaux et des prairies», reunidos numa nação que não tira «de son pays que du beurre et du fromage» e no entanto forneciam a quase todas as nações europeias a maioria dos produtos de que elas careciam (p. 177, V. Rau).

Ainda hoje os nossos recursos económicos provêm do nosso enorme tráfico marítimo e também..... aéreo!

A conclusão de tudo o que precede é esta: durante séculos os Holandeses e os Portugueses mantiveram relações marítimas e económicas muito estreitas e pacíficas, e até amigáveis. Infelizmente, tudo mudou em 1580, quando El-Rei D. Filipe da Espanha ocupou as terras lusitanas, mas esta história não vem agora aqui ao propósito.

Utreque, Maio de 1959.

TÁGIO

reconhecido na *edificação de Lisboa*

É um folheto de cordel da segunda metade do século XVIII, e diz o frontispício que se trata de um drama português, emendado por M. I. C. e A. L., iniciais que podem ocultar um ou dois autores da emenda do original ou o seu ou seus próprios autores. Não tem maior importância as dúvidas estabelecidas; o que é importante pela curiosidade é o texto da obra dramática, em três actos, todos passados em Lisboa. O primeiro decorre num campo arborizado, o segundo num Gabinete (?) e o terceiro repete o cenário do primeiro com a alteração de se ver o rio Tejo a banhar a campina. São seis os interlocutores do drama. E tudo gente grada da lenda da fundação de Olisipo. Nada menos do que Gorgóris, rei da Lusitânia; as duas princesas Calipso e Elisa; o Príncipe Sicoro, disfarçado no grego Aristeo; Abidis com o nome de Tágio, e, já se sabe, o famoso Ulisses.

A Gorgóris, o rei da Lusitânia que se proclama inventor do mel das abelhas (?) o Oráculo de Vénus disse que o seu sucessor no trono seria aquele que fundasse uma cidade junto do Rio Tejo, e o monarca determina casar a sua filha Elisa com Ulisses. Porém o herói grego, resiste, fiel à sua esposa Penélope e, no conhecimento da afeição de Elisa pelo pastor Tágio e deste pela Princesa, forja uma trama, induzindo Tágio a vestir-se de grego, e fazer-se aclamar pelo povo tagano, elegendo-o como chefe contra o domínio helénico na Lusitânia. Embora não se perceba muito

bem, ao princípio a vantagem de Tágio se fazer grego, os espectadores, se os houve, ou os leitores que o drama de certo teve, compreendem no decorrer da acção o disfarce do pastor apaixonado de Elisa, pois ele que fora dado a criar, às ocultas, a outro pastor, envolto em faixas bordadas a oiro, não é outro senão Abidis que era de sangue real por ser descendente de Tubal e que também foi o fundador de Santarém.

O drama, tem um outro fio de enredo. Aristeo — um grego, parente de Ulisses e natural de Setúbal — que anda apaixonado pela Princesa Calipso, a outra filha de Gorgóris, não é senão o marido dela que se julgava ter morrido num naufrágio. Calipso desconfiou-o por várias vezes, mas na sua situação de viúva oficial, evitava-o. Honestíssima, como se vê, Calipso ainda vivia presa à dor da perda do filho que tivera de Sicóro que era o nome do herói que naufragara. Os Deuses apiedam-se dos lusitanos. Afinal a criança vive e outro não é senão aquele Abidis, que os Taganos proclamam chefe, e que fora amamentado por uma das corças que as Ninfas do Tejo enfeitavam de flores. Ulisses, para ser compensado de lhe tirarem a honra de fundador de Lisboa, é posto no Drama como um exemplo de fidelidade à sua ausente Penélope, e é ele quem convence Gorgóris que o Oráculo de Vénus será inteiramente cumprido.

A peça, cujos versos não são muito de louvar, acaba com o casamento de Abidis e Elisa, e com a união de Sicoro e de Calipso que como se vê — e a gente não o sabia — ficaram a ser sogros da lendária Caçadora dos Campos Elíseos.

O Templo de Minerva engalanado festivamente, onde se realizaram tais uniões, deveria ficar talvez onde hoje está o Castelo de S. Jorge. O autor da obra não o diz, mas como no começo do segundo acto se mostre a construção de Lisboa, com palácios, templos e ruas cruzadas à maneira pombalina, é possível que lá se visse esse Santuário de Gorgóris, onde foi reconhecido Tágio como Rei dos Lusitanos.

M. S.

TAGIO RECONHECIDO

NA EDIFICAÇÃO DE LISBOA.

DRAMA PORTUGUEZ

EMENDADO POR
M. I. C. E AL.

ACTORES.

Gorgoris, Rey da Luzitania. *Ulisses*, General Grego.
Sicoro, Principe com o nome de *Calipso*, Princeza, Esposa de Si-
 Aristeo. coro.
Abides, Com o nome de Tagio. *Eliza*, Princeza, amante de Tagio.

A Scena se representa em Lisboa.

ACTO I. SCENA I.

Vasta campanha banhada pelo Rio-Téjo. Sitio copado de arvores, onde aparecerá Eliza vestida de Caçadora, e Tagio de Pastor.

Eliz. Não me importunes mais
Pastor ouzado :
afflicta me não deixe o teu queixume:
não queiras, nem seguir os meus vesti-
gios ;

pois fazes com essa louca, e vã porfia,
não poder compenfar-te em algum
Adeos : deixa-me, Tagio. dia.

Tag. Eu deixar-te? Ai de mim! Pri-
meiro a terra
mostre as frias entranhas
por larga boca horrivel q̄ me trague :

primeiro o mar, e o Ceo me fação
guerra ; (nhas,
despenhem-se primeiro estas monta-
e a meu peito infeliz seu pezo esma-
gue :

primeiro se confunda a natureza
que eu cesse de adorar tua beleza.

Eliz. Já te disse Pastor, que essa
porfia,

para longe de ti me apressa os passos.

Tag. Em que me julgas réo? Em
que te offendo?

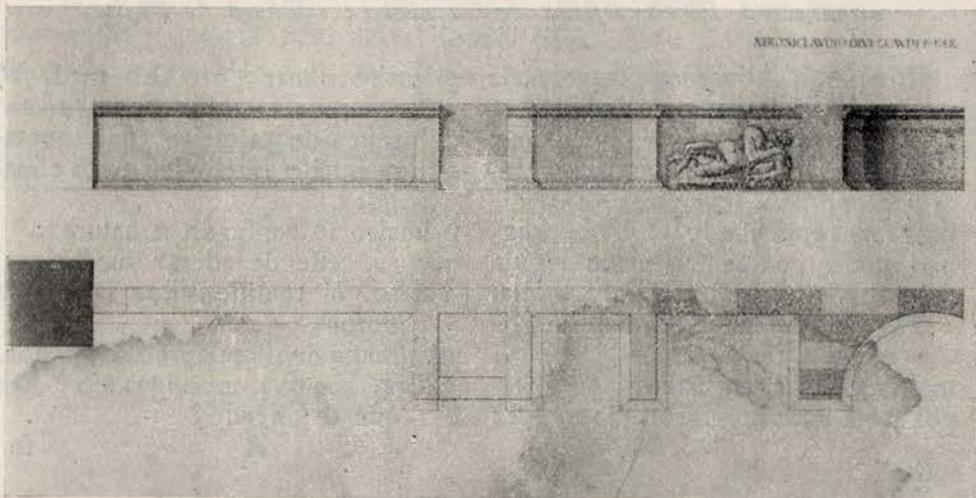
A

se

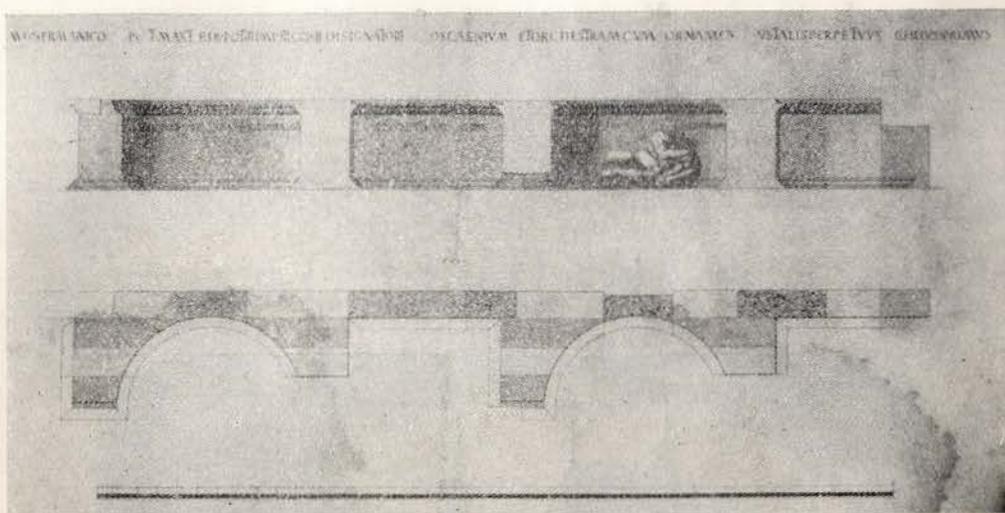
O TEATRO ROMANO *de S. Mamede ao Caldas*

O Teatro Romano, consagrado a Nero por Caio Heio Primo, Flamen Augustal Perpétuo de Felicitas Júlia, e erguido no ano 57 da era cristã cujos restos foram achados, em 1798, quando na Rua de São Mamede, ao Caldas, se procedia a uns desaterros para a construção de um prédio, voltaram agora à atenção dos alfacinhas curiosos. Uma oficina de fundição que ocupava parte do terreno onde outrora fora tal monumento, destruída para se substituir por uma moderna edificação, pôs de novo em foco as ruínas que tornaram a ser soterradas após a descoberta setecentista. Houve quem — vizinho do velho São Mamede — apontasse aos «Amigos de Lisboa» a curiosidade da obra iniciada, e estes, como era natural, logo providenciaram junto das entidades municipais para que ela fosse vigiada tendo igualmente a Comissão de Arte e Arqueologia da Câmara Municipal, sugerido a necessidade de uma atenta fiscalização, a fim de se evitar qualquer desvio de vetustos materiais que porventura se encontrassem.

Estivemos lá, espreitámos miudamente o terreno revolvido, fizemos um ligeiro inquérito ao encarregado da obra, e cimentámos o nosso parecer acerca de uma obrigatória interferência municipal em todas as construções



Desenho aguarelado representando o proscénio do Teatro



Outro aspecto do desenho aguarelado representando o proscénio do Teatro

e desaterros que se façam nas zonas históricas da cidade, a fim de evitar a dispersão e a perda de documentos que interessem à arqueologia.

Do Teatro Romano, sobre que Luís António de Azevedo, escreveu uma «Disertação» ilustrada com desenhos esclarecedores, a que Castilho e Vieira da Silva se referiram, em estudos já do nosso tempo, ainda se salvaram, em 1798, algumas cantarias trabalhadas, um dos Silenos do Proscénio, que está no Museu Etnográfico de Belém, um fuste canelado que se encontra numa loja da Rua de São Mamede e alguns troços de colunas. As que estão ladeando um portal numa casa do Largo do Chafariz de Dentro, também há quem suponha que provêm de proscénio erguido por Caio Heio Primo, mas parece de melhor aviso filiar a sua origem numa grande construção romana, um pouco acima da Igreja da Madalena.

Os «Amigos de Lisboa» possuem um belo desenho aguarelado dos restos do teatro de Felicitas Júlia, feito por ocasião ou pouco depois da descoberta do fim do século XVIII. Oferecemo-lo aqui aos nossos leitores.



A Basílica de Santo António, em Mafra

ACTIVIDADE CULTURAL

do Trimestre Passado

A actividade cultural do passado trimestre iniciou-se com a visita no domingo 3 de Abril à Sociedade *A Voz do Operário*, onde fomos recebidos pelos directores Srs. Jorge da Cruz Valente, João Ribeiro de Almeida, Carlos Duarte, António Perianes Palma e Manuel Mendes Delgado. Os numerosos visitantes viram as vastas instalações da Sociedade para o ensino infantil, primário e comercial e foram no final obsequiados com uma sessão de cinema e a oferta duma placa artística reproduzindo o emblema da instituição visitada.

No domingo 24 foi visitado o edifício da Assembleia Nacional e Palácio de S. Bento onde, mais uma vez, os visitantes apreciaram a decoração artística, pictorial e escultórica do edifício. Os visitantes foram recebidos e acompanhados pelos almoxarife e bibliotecário respectivamente Srs. Guilherme Alves de Almeida e Dr. Carmelo Rosa.

A 29 realizou-se na sede uma conferência, com projecções, do sócio Sr. Eng. João dos Santos Simões. Este nosso ilustre consócio falou sobre *Vistas de Lisboa, em azulejos, no Brasil*, fruto da sua última visita à cidade de S. Salvador da Baía. Esse notabilíssimo trabalho revelou a existência na Ordem Terceira de S. Francisco, da Baía, de interessantes e inéditos trechos, em azulejos, com vistas anteriores ao terremoto de 1775. Junto com as contribuições sobre este assunto já publicadas pelos nossos consócios Prof. Pereira Dias e Oliveira Martins, este trabalho tem alto valor olisiponense, como na própria sessão o encareceu o presidente da Junta Directiva, Sr. Gustavo de Matos Sequeira que à mesma presidiu.

Em 19 de Maio realizou-se, na sede, uma conferência sobre *Conservas de água da Rua da Prata erradamente conhecidas por*

termas. Foi seu autor o presidente da Junta Directiva Sr. Gustavo de Matos Sequeira, que à mesma presidiu, mas que, por incómodo de saúde, pediu ao Secretário-Geral Sr. Dr. Eduardo Neves para ler o seu trabalho, o que aconteceu. À conferência, que relatou várias peripécias da visita realizada em 1934, assistiu grande número de consócios.



O Terreiro do Paço, de Vila Viçosa

No dia 29 deslocaram-se a Vila Viçosa, cerca de 250 pessoas, sócios e suas famílias, que foram recebidos pelo conservador da Biblioteca e do Museu do Paço Ducal, Sr. Dr. João de Figueiredo, e por directores dos «Amigos de Vila Viçosa». Trocaram-se entre o Secretário-Geral e aqueles directores brindes, recebendo o Grupo um artístico objecto de arte em mármore da região. Depois do almoço servido no Castelo os visitantes percorreram o Palácio, a Vila e a Feira acompanhados pelos referidos senhores.

No dia 5 de Junho realizou-se a visita de estudo à Cadeia Penitenciária de Lisboa que reuniu cerca de quinhentas pessoas que foram acompanhadas pelo Secretário-Geral e recebidas pelo director do estabelecimento Sr. Dr. Roberto Pinto. Os visitantes percorreram o estabelecimento, capela, oficinas, etc., observando a notável obra assistencial prestada aos detidos.

Na noite de segunda-feira 13, o Grupo, por convite da Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa, encorporou-se na procissão fluvial de Santo António. Cerca de trezentas pessoas, no vapor «Rio Tejo», fretado e iluminado para o efeito, acompanharam o cortejo desde Belém até ao Terreiro do Paço. Durante a descida do rio, ao microfone de bordo, o Secretário-Geral do Grupo proferiu algumas palavras e a nossa consócia Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Adelaide Rebelo Cabral recitou versos alusivos a Santo António. Aquelas palavras, bem como os versos recitados, constituem o número que se segue, neste boletim, intitulado «Os Amigos de Lisboa nas Comemorações Antonianas». Aí se dá, igualmente, à estampa, a gravura que reproduz a imagem do Santo, de madeira, obra do século XVIII, hoje propriedade do Grupo e que se encontra exposta na sala da nossa biblioteca.

Em 19, em 9 autocarros e alguns automóveis, perto de 300 pessoas, deslocaram-se à propriedade agrícola do Mouchão da Póvoa, onde visitaram, em laboração, a respectiva lavoura, totalmente mecanizada, e as instalações da nascente das Águas do Mouchão da Póvoa. A visita foi dirigida pelo proprietário Sr. D. Eduardo Veiga de Araújo, que, com sua família, e pessoal, acompanhou os visitantes. O Sr. Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca, aproveitando o ensejo dos «Amigos» se deslocarem à área do seu concelho, apresentou cumprimentos ao Grupo por intermédio do Sr. Veiga de Araújo, que o representava como Vereador da respectiva Câmara, que é. Os Bombeiros Voluntários da Póvoa de Santa Iria também gentilmente coadjuvaram o transporte.

A 23, por amável convite da Junta de Turismo da Costa do Sol e do Expositor, o nosso consócio Sr. Eng. Júlio Eduardo dos Santos, foi visitada a exposição bibliográfica Antoniana do Estoril. Em comboio especial, posto à nossa disposição obsequiosamente pelo nosso referido consócio, com pessoas deslocaram-se ao Estoril a ver a sua notável exposição, tendo sido recebidos pelo expositor e membros da Junta que apresentaram cumprimentos aos visitantes, e serviram um refresco no fim da visita. Trocaram-se saudações entre o representante da Junta de Turismo da Costa do Sol, o expositor e o nosso Secretário-Geral.

E. N.



Fachada da igreja de S. Vicente de Fóra, em Lisboa

*A Igreja de S. Vicente, dos Cónegos Regrantes
(onde viveu Santo António)*

Os
“Amigos de Lisboa”
nas
Comemorações Antonianas

TAL como em Forli, aconteceu a Santo António, que no seu burel de franciscano e na humildade da sua regra, escondia o que tinha lido e aprendido em Lisboa, ali em S. Vicente e em Coimbra em Santa Cruz, e por Frei Graciano, seu Geral, foi convidado primeiro e intimado depois a falar ante o Bispo na ordenação dos noviços e sem prévia preparação o fez, assim também eu hoje, após ter convidado várias pessoas, para falar aqui, por razões óbvias, me vi só; venho por isso, falar-vos, neste Tejo tão nosso e tão de maravilha, sobre o nosso Santo.

A Catedral de Forli, encheu-se por inspiração divina, o barco está cheio pela maravilha da cidade iluminada e o milagre da oração primorosa, arrebatada e profícua, não sendo possível, hoje comigo, como aconteceu com Santo António, dar-se-á com a gentil consócia que acedeu a vir recitar-nos algo sobre Santo António, com o «savoir-dire» que todos lhe conhecemos. Uma das poesias foi escrita especialmente por Mestre Matos Sequeira, nosso Presidente, para este acto.

A recitadora é a nossa consócia Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Adelaide Rebelo Cabral. À guisa de apresentação não preciso dizer mais nada, pois todos ou quase todos a temos ouvido já. Tenho só, é que agradecer-lhe o ter aquiescido em vir aqui.

Hoje o nosso Tejo veste galas, porque a imagem vetusta do nosso taumaturgo veio passear connosco e mais uma vez anda sobre estas águas; há séculos, *in vivo*, ao ir para Marrocos e nos ir depois morrer a Itália, fez hoje setecentos e vinte e nove anos; hoje para regressar ao sítio do seu nascimento e da sua veneração, ali para as pedreiras da Sé, onde nasceu em 15 de Agosto de 1195 e onde continua a ter a sua casa.

Acompanhemo-Lo com o respeito e a ternura que a todos nós lisboetas, essa figura a um tempo celestial e popular, sempre nos inspira. Para glória nossa, é

Santo do Mundo, os italianos chamam-Lhe até só «IL SANTO» sem topônimo, todos sabem que é António.

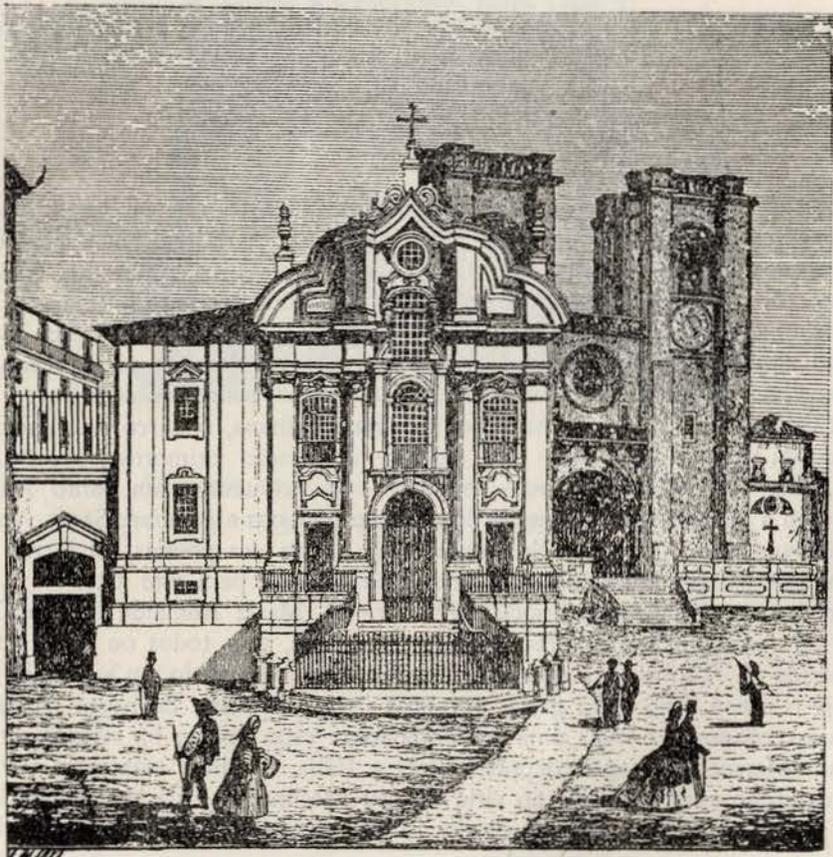
Não descartemos com liberdade e desenvoltura porque Ele vem connosco e é litúrgico o cortejo, mas rejubilemos com o seu culto e veneração.

A portugueses e lisboetas, não é mister falar sobre Ele. Todos Lhe conhecemos a história e O trazemos no coração. É Santo António de Lisboa.

Os novos peçam-Lhe o que se convencionou Ele lhes pode dar e os menos novos, as graças que a beleza da sua vida terrena assegura o êxito na sua vida eterna.

Português e lisboeta, Santo e milagreiro, Ele nos acompanhe a todos e a Portugal e a Lisboa sua terra e aos «Amigos de Lisboa», que O têm na sua sede entre os seus vultos grandes e de há muito O proclamaram Amigo de Lisboa por excelência. A todos particularmente ilumine, ampare e guie. Assim seja.

E. N.



A Igreja de Santo António da Sé, em Lisboa



O nosso Santo António
Imagem de madeira (séc. XVIII)

Ouviram com alvoroço
a António os peixes do mar,
e tu que és de carne e osso
não me queres escutar.

Tanto o Menino queria
ao Santo que O adorava
que foi sentar-se-Lhe um dia
no livro onde Ele rezava.

Se fazes um matrimónio
há logo fogo a deitar
porque as sogras, Santo António,
são Bichas de Rabiar.

De uma força armada outrora
veio António o Pai salvar,
e é Ele que as arma agora
aos que pensam em casar.

António, glória suprema
dos portugueses com fé,
é alfacinha da gema,
da freguesia da Sé.

Tinha uma bilha partida,
Santo António consertou-a.
Nem rezando toda a vida
pagarei obra tão boa.

Trago-a agora bem inteira.
Grande Santo! mais nenhum
acode desta maneira
aos cacos de cada um.

MATOS SEQUEIRA

Milagre de Santo António

I

Despindo o hábito e ocultando a coroa,
logo de manhãzinha, o Santo amado
poisou o livro e o Menino, ainda ensonado,
e veio espairecer até Lisboa.

Era o seu dia. Andou ruas à toa;
não fora Santo, isento de pecado,
e en vaidava-Se, ao ver que era lembrado
desde os altos da Graça à Madragoa.

As crianças dos bairros populares
erguiam-Lhe minúsculos altares
junto à porta da sua moradia.

De súbito, estacou o bom do Santo:
num beco esconso, vira um «trono», a um canto,
nota infantil de ingénua fantasia.

II

Uma simples caixinha de cartão
formava-lhe o suporte; eram as velas
dois pavios; o Santo, a meio delas;
aos pés um cravo e um manjericão.

A bandeja amolgada espera em vão
alguma moedita... (Onde está ela?!)
e um miudinho loiro guarda aquela
graciosa e pueril composição.

Erguendo ao Céu os olhos rasos de água,
o Santo implora então, cheio de mágoa,
ao Senhor, um milagre: e, num instante,

o «trono» de cartão fez-se alabastro,
cada vela fulgia como um astro,
e a imagem era de oiro cintilante...

CARDOSO MARTHA



Feira da Ladra

Homenagens

No passado dia 21 de Fevereiro o Centro de Profilaxia da Velhice realizou na Casa Militar um almoço dedicado à província da Estremadura para que convidou um representante da Junta Directiva. Assistiram vários consócios e o Grupo fez-se representar pelo Secretário-Geral que agradeceu o convite e as palavras que ao Grupo dirigiu o Presidente do Centro Sr. Conselheiro Doutor Afonso de Melo.

A Junta de Turismo da Costa do Sol por intermédio do nosso consócio Sr. Eng. Júlio Eduardo dos Santos convidou-nos a visitar a Exposição Bibliográfica Antoniana daquele nosso consócio na Sala da Junta do Estoril. O expositor transportou os sócios do Grupo em comboio especial até ao Estoril onde os visitantes foram recebidos pelo expositor e por membros da referida Junta e seu pessoal superior. Trocaram-se saudações entre os Srs. Dr. Heitor Quintas e Comandante Patacho, membros da Junta e o nosso Secretário-Geral que com os Directores Drs. Engénio Mac-Bride e Alberto Gomes representavam o Grupo.

Depois da erudita palestra do Sr. Eng. Júlio Eduardo dos Santos foi servido um Porto de Honra.

E. N.

Ofertas

CONTINUAM as ofertas anónimas. Em Maio foi entregue na sede, dirigido ao Secretário-Geral e com destino ao Grupo, um pacote com mais de vinte escrituras antigas do século XIX e duas de 1799 referentes a vendas de propriedades lisboetas sitas na rua do Boi Formoso e da Rua de Pedro Dias; as de 1799 e as outras referentes a propriedades quase todas situadas para o lado da Graça.

Agradece-se ao generoso anónimo e ficam fazendo parte do nosso Arquivo.

Também o Sr. Rogério Horta por intermédio do nosso Secretário da Assembleia Geral, o consócio Sr. Joaquim Pascoal Rodrigues, ofereceu para a Biblioteca do Grupo a colecção encadernada do Mundo Português.

Também o nosso Presidente da Junta Directiva ofereceu para a Biblioteca do Grupo o folheto que serve de tema ao seu artigo publicado neste número e cuja primeira página lá se publica.

E. N.

LIVROS

EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS



VARIA

PREÇOS
Sócios Público

Evocação do Café Martinho		esgotado
Noite de evocação do Leão de Ouro	13\$50	15\$00
Urbanização de Lisboa	4\$50	5\$00
Lisboa de ontem e de hoje do Sr. Rocha Martins		esgotado
Olisipos (estão esgotados os números 1, 2, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 27, 34 e 43)... cada, dos que existem,	18\$00	20\$00
Evocação do Café-Restaurante Tavares	4\$00	5\$00
Jantar de Confraternização na Casa do Leão	4\$00	5\$00
A cor de Lisboa	13\$50	15\$00

A. VIEIRA DA SILVA

O Castelo de S. Jorge	13\$50	15\$00
A Ponte de Alcântara	13\$50	15\$00
Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa	13\$50	15\$00
Fantasia sobre a origem do nome de Lisboa	13\$50	15\$00

DR. ALFREDO DA CUNHA

Olisipo berço do periodismo português	13\$50	15\$00
--	--------	--------

ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

Algumas achegas para a História da Defesa de Lisboa	13\$50	15\$00
Os Banhos da Rocha do Conde de Óbidos	13\$50	15\$00
O Quartel de Campolide	13\$50	15\$00
O Quartel do Regimento do Conde de Lippe	13\$50	15\$00
A Torre do Bugio	18\$00	20\$00

DR. ANTÓNIO DE QUADROS FERRO

O Enigma de Lisboa	7\$00	7\$50
---------------------------	-------	-------

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão	13\$50	15\$00
O Campo de Santa Clara	13\$50	15\$00
Ronda e Silva de Lisboa Velha	9\$00	10\$00
Bagatelas de tempo vário	9\$00	10\$00

AUGUSTO CASIMIRO

Lisboa Mourisca	18\$00	20\$00
------------------------	--------	--------

DR. EDUARDO NEVES

Uma recordação sebástica no Sítio da Luz		esgotado
Um arcebispo Primaz		»
João Alberto Pereira de Azevedo Neves		»
Um desenho à pena da autoria de Júlio de Castilho		»

DR. EDUARDO NEVES

PREÇOS
Sócios Público

Ruínas do Carmo		esgotado
Igreja da Penha de França		»
Faculdade de Medicina		»
Lisboa nos Ex-Libris		»
Lisboa na Numismática e na Medalhística		»
O Convento dos Barbadinhos Italianos		»
Do Sítio do Intendente		»
Lisboetas na Índia e Luso Indianos em Lisboa		»
Alocações		»
Homenagem a Matos Sequeira... ..	13\$50	15\$00
Dos selos pendentes do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Um notável selo de 1580	15\$00	20\$00

F. A. GARCEZ TEIXEIRA

A Irmandade de S. Lucas	13\$50	15\$00
--------------------------------	--------	--------

FERREIRA DE ANDRADE

Relação das casas foreiras... ..	22\$50	25\$00
O Senado da Câmara e a Guerra Civil	27\$00	30\$00
Três Touradas no Terreiro do Paço	13\$50	15\$00
Visite Lisboa	81\$00	90\$00
Vinte e cinco anos na vida duma capital	54\$00	60\$00
Portugal País de Turismo	162\$00	180\$00
Lisboa das sete colinas	36\$00	40\$00
Lisboa capital do Tejo	36\$00	40\$00
Lisboa vista em 5 dias	13\$50	15\$00
Um turista em Lisboa	13\$50	15\$00
Lisboa e seus arredores	27\$00	30\$00
Lisboa e seus arredores (Planta)	4\$00	5\$00
Palácios Reais de Lisboa		esgotado

FRANCISCO DE OLIVEIRA MARTINS

O Colégio de «Jesus» dos Meninos Órfãos da Mouraria	18\$00	20\$00
O Romance de Almeida Garrett nesta Lisboa	18\$00	20\$00

DR. GILBERTO MONTEIRO

Esboço histórico do Hospital de Belém	18\$00	20\$00
D. Gilberto	13\$50	15\$00

GODOFREDO FERREIRA

Um ricoço lisboeta do século XVII		esgotado
--	--	----------

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

Auto de S. João	9\$00	10\$00
Lisboa (Comédia)	18\$00	20\$00

HENRIQUE LINHARES DE LIMA

Vultos e sombras medievais	45\$00	50\$00
-----------------------------------	--------	--------

	PREÇOS	
	Sócios	Público
HUGO RAPOSO		
Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo ...	9\$00	10\$00
J. S. VIEIRA		
O Convento dos Marianos ...	esgotado	
JOÃO MONTEIRO		
Estrada de Sacavém ...	27\$00	30\$00
JOAQUIM ROQUE DA FONSECA		
A Urbanização de Lisboa ...	13\$50	15\$00
JULIETA FERRÃO		
Lisboa 1870 ...	esgotado	
ENG. JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS		
Exposição Bibliográfica Antoniana — Junho de 1960 — Estoril ...	9\$00	10\$00
LUIS MOITA		
A Ermida de Santo Amaro ...	esgotado	
O Metropolitano e as «Sete Colinas» Olisiponenses ...	7\$00	7\$50
Santiago Rosiñol e a «Alegria que Passa» ...	12\$50	12\$50
LUIZ PASTOR DE MACEDO		
A Baixa Pombalina ...	esgotado	
A Rua das Canastras ...	7\$20	8\$00
Ascendentes de Camilo ...	13\$50	15\$00
Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da Freguesia da Sé ...	9\$00	10\$00
Críticas, Correções e aditamentos à «Lisboa de ontem e de hoje» do Sr. Paulo Freire ...	esgotado	
LUÍS TEIXEIRA		
O «Diário de Notícias» e o Século XIX ...	4\$00	5\$00
LUÍS TRINDADE		
Janelas de Alfama ...	18\$00	20\$00
DR. MANUEL VICENTE MOREIRA		
Jardins de Lisboa e Porto ...	esgotado	
Lisboa Oriental ...	4\$00	5\$00
O Problema da Habitação ...	27\$00	30\$00
MÁRIO COSTA		
Da Rua Nova à Rua dos Capelistas ...	18\$00	20\$00
Duas Curiosidades Lisboetas — O Balão do Arsenal e o Tiro da Escola Politécnica ...	13\$50	15\$00
A Patriarcal Queimada ...	18\$00	20\$00

PREÇOS

	Sócios	Público
O Palácio do Manteigueiro	18\$00	20\$00
O Palácio Barcelinhos e o seu antecessor o Convento do Espírito Santo da Pedreira	18\$00	20\$00
Uma quermesse de caridade na Real Tapada da Ajuda	45\$00	50\$00
O Sítio de Santo Amaro	18\$00	20\$00
Duas facas de mato notáveis	13\$50	15\$00
Festas do Casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra	esgotado	

MÁRIO SAMPAIO RIBEIRO

A Igreja da Conceição Velha	9\$00	10\$00
A Igreja e o Convento da Graça	13\$50	15\$00
Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de St. ^a Maria de Belém	45\$00	50\$00
A propósito da inscrição sepulcral do fundador da Ermida de N. S. da Oliveira de Lisboa	18\$00	20\$00
A Calçada da Ajuda	esgotado	

NORBERTO DE ARAÚJO

Pequena Monografia a S. Vicente... ..	9\$00	10\$00
---------------------------------------	-------	--------

RUY DE ANDRADE

Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas da edilícia citadina	9\$00	10\$00
---	-------	--------

DR. RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ

Subsídios para Heráldica Tumular Moderna Olisiponense... ..	45\$00	50\$00
A Quinta da Torrinha ao Vale do Pereiro	18\$00	20\$00

ROBERTO DIAS COSTA

A Paróquia de S. Jorge de Arroios	esgotado	
--	----------	--

TINOP

Lisboa de Outrora, 2.º e 3.º vols. cada	13\$50	15\$00
--	--------	--------



CASA AFRICANA

●
**PREÇOS FIXOS
 E MARCADOS
 EM TODOS OS
 ARTIGOS**

●
**ON PARLE
 FRANÇAIS**

●
**ENGLISH
 SPOKEN**

●
 Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para **HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS**

●
**Rua Augusta, 161 - Telef. 2 42 64 - 65 P. B. X.
 LISBOA**

**Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.
 PORTO**

Edifício do Cruzeiro — ESTORIL

B. DIAS & DIAS, LDA.

OFICINA DE TORNEIRO DE METAIS

INSTALAÇÕES PARA ÁGUA E GAS

Retretes de luxo nacionais e estrangeiras. Autoclismos de vários sistemas. Lavatórios e banheiras de esmalte e zinco, esquentadores a gasolina e gás. Candeeiros para

gás e electricidade, camisas e chaminés de todas as qualidades. Lava louças e todos os artigos referentes a folha branca. Colocação de bombas e consertos.

Fazem-se todos os trabalhos pertencentes à sua indústria

Rua Nova da Trindade, 11-F Telef. 22648 • LISBOA

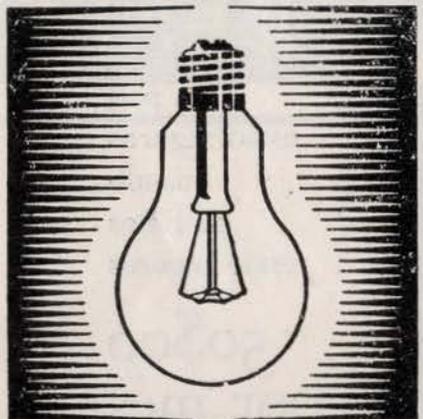
BERTRAND (IRMÃOS), LDA.

Artes Gráficas

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ROTOGRAVURA
"OFFSET" - DESENHO

Travessa da Condessa do Rio, 7
Telef. 21368 - 21227 - 30054 — LISBOA

LUMIAR



A MAIS DURADOURA

CAMILO
CASTELO
BRANCO



O mais apreciado e o mais português de todos os romancistas

Edição popular das suas principais obras em

80 VOLUMES

CONHEÇA
LEIA
APRECIE
DIVULGUE

CAMILO

Edições de

Parceria António Maria Pereira
RUA AUGUSTA, 44 A 54
Telef. 31730 : End. Teleg. PARCEPEREIRA

COMPRAMOS

LIVROS DE BONS AUTORES

Grandes e pequenas quantidades

LIVRARIA «ECLÉTICA»

Celçada do Combro, 58 • Telef. 28663 • LISBOA

**SEGURO
POPULAR
DE VIDA**



os pais
estão seguros
quando
os filhos
estão seguros

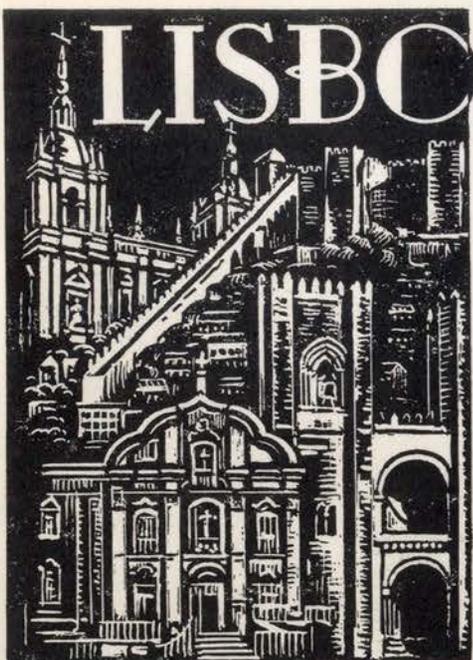
50\$00
por mês

companhia de seguros

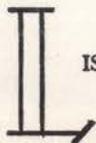
IMPÉRIO

rua Garrett, 56 - Lisboa

RONDA DOS BAIRROS



LISBOA ORIENTAL



ISBOA, do lado da Graça e S. Vicente, lembra um painel de Mestres Primitivos, com motivos que sobram para deslumbrar as pessoas menos sensíveis à gloriosa mensagem de beleza dos séculos.

Não faltam igrejas (como, entre outras, a de Santo António, construída no local onde nasceu o taumaturgo; e a da Graça, de onde a imagem do Senhor dos Passos sai todos os anos, em concorrida procissão pelas ruas do bairro); uma preciosa Sé Catedral; e um Panteão: o de S. Vicente, onde repousam os restos mortais dos últimos reis de Portugal.

Tem ainda Lisboa, deste lado, deslumbrantes miradouros, como o de Santa Luzia, de Nossa Senhora do Monte, da Penha de França, etc.; e o Castelo de S. Jorge, recortado no Céu, para nos oferecer um dos mais belos panoramas que se possam conceber.

Um demorado passeio por estes bairros de Lisboa, principiando na Sé, e abrangendo o Castelo, S. Vicente, Graça e Penha de França, é de recomendar com o maior empenho, a todos aqueles que desejem conhecer uma das mais belas e características zonas da Capital.

Servem estes locais, os «eléctricos» das carreiras: 10, 11 e 12 e os autocarros das carreiras 11, 12 e 17.

SENA SUGAR ESTATES, LTD.

Plantações e Fábricas de Açúcar em

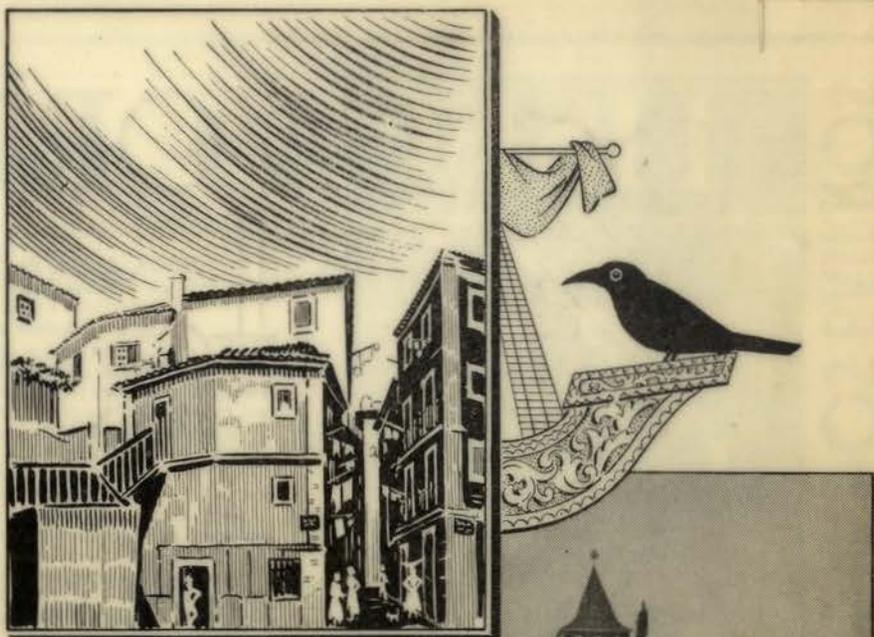
LUABO

e

MARROMEU

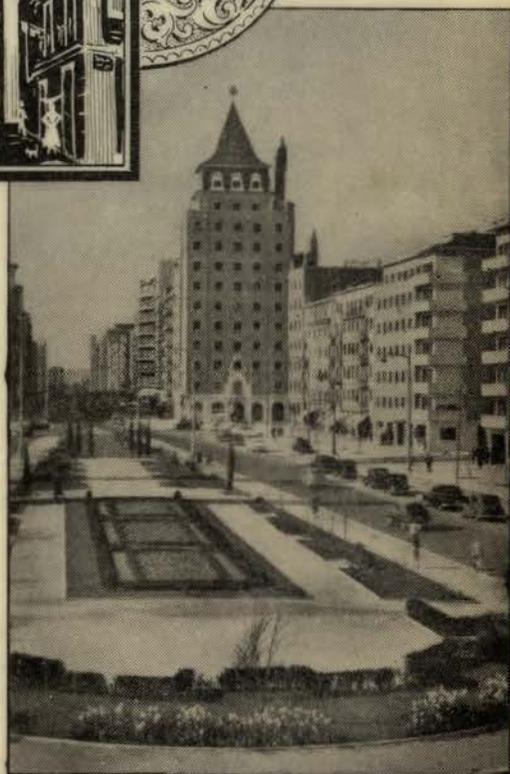
PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

NA LISBOA
DE ONTEM



E

NA LISBOA
DE HOJE



COMO, AFINAL, EM QUALQUER PARTE,
CONTRA A TOSSE:

BENZO-DIACOL